

ENTREVISTA

O TEMPO CERTO ESTÁ AÍ: CONVERSA COM RICARDO TIMM DE SOUZA*

Klinger Scoralick - *Seu doutorado foi realizado na Albert-Ludwigs-Universität Freiburg, uma instituição de grande prestígio acadêmico internacional, na qual Husserl e Heidegger foram professores e onde Levinas teve uma passagem enquanto aluno. Você encontrou por lá um ambiente receptivo à filosofia de Levinas e ao tema da alteridade ética? E por aqui, como isso se deu?*

Ricardo Timm de Souza - Uma das principais razões que me levou até lá, exatamente nos inícios dos anos 90, foi apreciar *in loco* a recepção do pensamento de Levinas na Alemanha, um dos últimos países da grande cultura ocidental a traduzir suas obras. O que pude acompanhar foi uma situação bastante complexa: por um lado, uma aceitação bastante considerável em ambientes como as letras, a teologia e a pedagogia; por outro, uma enorme dificuldade de compreensão por parte da filosofia. Em termos filosóficos, Levinas foi sempre respeitado como fenomenólogo, e por haver introduzido a fenomenologia na França. Porém, no que tange à especificidade de sua obra, geralmente considerada como produção de um erudito em estudos judaicos, houve – e, de certo modo ainda há – enormes dificuldades de recepção. Mesmo hoje, quando a posição do pensador na cultura do século XX é incontestada

* Esta entrevista foi realizada por escrito nos meses de fevereiro e março de 2019.

e incontestável, ainda há grande dificuldade de uma compreensão mais abrangente do todo de sua obra. No Brasil, tudo se deu de modo algo semelhante, e finalmente hoje Levinas recebe, mesmo por parte de uma parcela da comunidade acadêmica que não se dedica à sua obra, uma consideração intelectual que se deve aos mais de 30 anos de sua recepção em nosso país.

KS - O início de sua trajetória acadêmica percorreu os caminhos da música. Por que, posteriormente, a escolha pela filosofia? E por que a escolha por um autor como Levinas, que defendeu em sua obra uma posição tão controversa a respeito da arte? Não é preciso estética, “apesar de tudo”? Ou há limites?

RTS - Tenho uma origem acadêmica múltipla e interdisciplinar, embora tenha me dedicado inicialmente mais à música; no campo específico da filosofia, Levinas de certo modo me manteve nela (eu até diria: me escolheu), pois percebi o potencial de sua obra muito cedo e de modo muito claro. A questão da estética em Levinas nunca se constituiu propriamente em um problema para mim, e já em 1996 dediquei um texto às ideias estéticas do autor, em contraponto com Adorno, em que procurei mostrar que a verdadeira crítica de Levinas à arte estava no potencial idolátrico da criação artística, e não na obra mesma. Aliás, nem poderia ser diferente, dada sua longa amizade com inúmeros artistas, etc. A publicação recente de suas obras ainda “desconhecidas” pelo IMEC/Grasset acabou, de certo modo, me dando razão, quanto mais não seja pela descoberta de um Levinas também poeta e romancista.

*KS - Sua obra possui uma grande densidade sonora, repleta de vozes de muitos pensadores que se voltam para uma crítica da violência, sob um gesto radical de denúncia da brutalidade do arbítrio, da razão idolátrica e do espesso “estado de exceção” no qual nos encontramos, constrangedoramente, submergidos. Em um dos seus últimos trabalhos, intitulado *Ética do escrever* (Zouk, 2018), você evoca a inscrição do testemunho, da palavra, da memória como um gesto de sobrevivência daquilo que, em cada momento, se oferece em seu rastro, em sua dor, com sangue, singularmente. Mas há, por certo, o que faz calar. O assassinato, a negação definitiva,*

impõe-se, cotidianamente, como o limite de toda palavra possível, esse “não” sem mais. Os desaparecidos, os mortos e as ruínas, também, dão testemunho contra a violência?

RTS - Sem dúvida. Esse tema da violência contra o Outro não pode, de modo algum, ser abordado de modo mono-autoral; de fato, é necessário que nos munamos de recursos gerados por uma constelação (para utilizar um termo caro a Benjamin e Adorno) de grandes pensadores para que a solidez seja mais garantida. Nesse sentido, a mobilização de pensadores como Spinoza, Kafka, Freud, Rosenzweig, Benjamin, Adorno, Levinas, Derrida e vários(as) outro(a)s grandes autore(a)s é imprescindível para o trabalho consequente. Com muita frequência da história, da cultura, da filosofia, da estética, acabamos por perceber que são exatamente – embora não exclusivamente – “os desaparecidos, os mortos e as ruínas (que) dão testemunho contra a violência”. O meu livro citado, no fundo, é uma conclamação à responsabilidade intelectual no sentido de assumir essa tarefa de ampliar “os ecos das vozes que já emudeceram” (Benjamin), ou seja, lidar com o passado, aquilo de que as sociedades tanto carecem hoje em dia.

KS - *Em Do sagrado ao santo, Levinas diz que a suspensão da justiça é a noite e que as relações entre os humanos exige a claridade do dia. Mas, adverte ele, que as fronteiras da noite não são circunscritas, e que há noite em pleno dia, ao modo de uma epidemia. Respiramo-la sob contaminação, empesteados. Nesses termos, torna-se frágil a possibilidade de se distinguir a diferença entre o crível e o não crível, entre a profundidade e a superfície, entre o sábio e o demagogo, entre a retidão e a trapaça, e daí em diante – tempo atravessado pela feitiçaria, em que a luz se faz confundir com as trevas por meio da profusa propagação histórica de imagens desconexas e da eficácia de sermões eloquentes, que transformam, pela repetição, a mentira em verdade, em verdade contundente, sustentando a ordem noturna do dia, que se traduz em domínio, exploração e extermínio. Em um mundo assim, como o de cá, em que toda palavra parece não ter “mais a autoridade necessária para anunciar ao mundo o fim de sua própria decadência”, como diz Levinas em Dificil liberdade, como enfrentar a opacidade do pensamento enfeitiçado? É ainda pela palavra?*

RTS - Só há uma forma de enfrentar o pensamento enfeitado, o mundo enfeitado, a insanidade da superficialidade, a mediocridade da mediania, o medo do Outro: através de uma crítica radical da racionalidade idolátrica que os sustenta. É aí que tudo inicia e onde tudo acaba. Sem esse trabalho, estamos embrulhados na teia da anti-vida, e corremos o risco de nos constituirmos no horror de alguma forma inócua de pseudo-crítica. A Agamben, eu diria que criticar a idolatria em todos os seus sentidos e formas, ou seja, mostrar o que realmente a constitui, é a tarefa política e filosófica não apenas da geração que vem, mas – urgentemente – da que já está aí.

KS - Agamben diz, em Profanações, texto ao qual você faz referência em seu livro Ética como fundamento II (Educs, 2016), que profanar o improfanável é a tarefa política da geração que vem. Podemos dizer que Levinas, sem abrir mão da preservação do segredo do Outro, é um autor que nos ajuda a refletir sobre a ideia da profanação do improfanável, enquanto tarefa ético-política por-vir? Afinal, não soa a cada dia mais irrefutável a ideia de que é preciso profanar o direito em nome da justiça?

RTS - Tua expressão é muito precisa: é o que cabe fazer. Levinas é um grande profanador, exatamente no sentido utilizado por Agamben. O tempo que corre o exige: é uma condição de sobrevivência. Aqui encontramos definitivamente um outro autor magistral, um levinasiano à sua forma, Derrida, cuja obra se constitui, ao fim e ao cabo, num projeto de desenfeitamento das lógicas e das linguagens do estatuído e de suas violências naturalizadas. Sem isso, sem a desconstrução (sempre ética, como é toda desconstrução) das lógicas de poder e de pretensa sustentabilidade do insustentável, o dispêndio de energias é ocioso. Há que profanar o que interdita a vida que vem (à tona). Ou isso, ou a capitulação que equivaleria à morte. Não temos muito tempo, mas temos o tempo que precisamos, pois, como dizia Franz Rosenzweig, “o tempo certo está aí”.